

Assinado digitalmente por: Jessica de
Sousa Vale
Localização: FAEMA Ariquemes/RO
O tempo: 18-12-2018 23:58:39

Assinado digitalmente por: Sonia Carvalho de
Santana
Razão: Sou responsável pelo documento
Localização: FAEMA-Ariquemes/RO
O tempo: 18-12-2018 23:34:04



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

JÉSSICA RAMOS XAVIER

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA CRIANÇA DIAGNOSTICADA COM SÍNDROME DE ASPERGER

ARIQUEMES - RO

2018

Assinado digitalmente por: Katia Regina Gomes
Bruno
Razão: Sou Responsável Pelo Documento
Localização: FAEMA - Ariquemes/RO
O tempo: 19-12-2018 21:13:38

Jéssica Ramos Xavier

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA
ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA CRIANÇA
DIAGNOSTICADA COM SÍNDROME DE
ASPERGER**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA como requisito parcial a obtenção do grau de bacharelado em Enfermagem.

Prof^a Orientadora: Esp. Jessica de Sousa Vale.

Ariquemes - RO

2018

Jéssica Ramos Xavier

<http://lattes.cnpq.br/2395648262694262>

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA
ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA CRIANÇA
DIAGNOSTICADA COM SÍNDROME DE
ASPERGER**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Enfermagem, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Orientadora: Esp. Jéssica de Sousa Vale

<http://lattes.cnpq.br/9337717555170266>

Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof^ª. Ms. Sônia Carvalho de Santana

<http://lattes.cnpq.br/9558392223668897>

Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof. Esp. Katia Regina Gomes Bruno

<http://lattes.cnpq.br/8136021782733603>

Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ariquemes, _____ de _____ de 2018.

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

X3a	XAVIER, Jéssica Ramos. Atuação do enfermeiro na assistência á saúde da criança diagnosticada com Síndrome de Asperger. / por Jéssica Ramos Xavier. Ariquemes: FAEMA, 2018. 36 p. TCC (Graduação) - Bacharelado em Enfermagem - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. Orientador (a): Profa. Esp. Jéssica de Sousa Vale. 1. Enfermagem. 2. Síndrome de Asperger. 3. Autismo Infantil. 4. Assistência à Saúde. 5. Transtorno. I Vale, Jéssica de Sousa. II. Título. III. FAEMA.
	CDD:610.73

Bibliotecário Responsável
EDSON RODRIGUES CAVALCANTE
CRB 677/11

Dedico este trabalho aos meus filhos e a toda
minha família que, com muito carinho e apoio,
não mediram esforços para que eu chegasse
até esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à Deus, pois "A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho!" Salmos 119;105.

Agradeço ao meu marido Leandro Borges, por compreender todos os momentos de dificuldades, seu valioso e incansável apoio, paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre.

Aos meus filhos Leonardo Ramos que me impulsionou e me transformou em uma pessoa melhor, e Isabela Ramos que está em meu ventre, mas que mesmo antes de nascer, me faz querer lutar por um futuro melhor para eles.

Aos meus pais Juarez Ramos e Nilda Xavier o meu sincero agradecimento, por ter me proporcionado conforto e apoio durante toda minha vida, e sobretudo nos momentos mais difíceis da minha caminhada acadêmica, não permitindo que eu desistisse. Em especial agradeço a minha mãe por ter suprido minha ausência junto ao meu filho, permitindo que eu me dedicasse à finalização do meu curso.

A minha irmã Juliana Xavier, pelo apoio e motivação para a realização da minha monografia, obrigada pelos conselhos e momentos de descontração, trazendo conforto nos momentos de tensão.

A toda minha família que sempre me incentivou e garantiu que eu não desistisse nunca.

Aos meus colegas de classe, deixo aqui minha gratidão, pois foram eles que fizeram com que eu seguisse sempre de cabeça erguida. Em especial a minha amiga e companheira desta árdua caminhada da vida acadêmica, Letícia Dultra que sempre me surpreendia com palavras positivas e motivadoras, não permitindo me abater perante as dificuldades.

Aos meus Mestres, eu agradeço a orientação incansável, o empenho e a confiança, a minha orientadora, por ter acreditado no meu trabalho e ter me ajudado a tornar possível este sonho tão especial.

Deixo meu agradecimento a instituição FAEMA, pelos recursos ofertados para evoluir e alcançar todas as metas.

Foi graças a todo incentivo que recebi durante estes anos que hoje posso celebrar este marco na minha vida: a minha formatura.

Obrigada a todos!

“As crianças especiais, assim como as aves,
são diferentes em seus vôos. Todas, no
entanto, são iguais em seu direito de voar.”

Jesica Del Carmen Perez

RESUMO

A síndrome de Asperger compõe o transtorno do espectro autista, a qual considera-se as características clínicas dessa síndrome como parte de um conjunto de sintomas e prejuízos que variam em seu grau de severidade no que tange à comunicação e interação social e comportamentos restritos e repetitivos. As características mais marcantes estão associadas às alterações das interações sociais recíprocas, no desenvolvimento de padrões limitados e repetitivos de comportamento, comportamentos com características estereotipadas e fala ecológica. O presente trabalho teve por intuito demonstrar a atuação do enfermeiro frente ao atendimento de crianças com a síndrome de Asperger e discorrer sua atuação em ações que promovam o bem-estar dessas crianças e seus familiares melhorando a sua qualidade de vida no ambiente social e familiar com práticas de reuniões sobre os conhecimentos acerca do desenvolvimento infantil das crianças com a síndrome. Neste contexto, utilizando-se de metodologia de pesquisa bibliográfica, a presente monografia tem por finalidade discorrer sobre as contribuições que o enfermeiro é capaz de proporcionar na assistência de crianças com síndrome de Asperger, e as ações que a equipe de enfermagem poderá dispor para o auxílio não só do acometidos pela síndrome, mas também para os familiares.

Palavras-chave: Síndrome de Asperger; Autismo infantil; Enfermagem.

ABSTRACT

Asperger's Syndrome composes Autism Spectrum Disorder, which considers the clinical characteristics of this syndrome as part of a set of symptoms and impairments that vary in its degree of severity in relation to communication and social interaction and restricted and repetitive behaviors. The most striking features are associated with alterations in reciprocal social interactions, the development of limited and repetitive patterns of behavior, behaviors with stereotyped characteristics and echolalic speech. The aim of this study was to demonstrate the nurses' role in the care of children with Asperger's Syndrome and to discuss their actions in actions that promote the well-being of these children and their families, improving their quality of life in the social and family environment with practices of meetings about the knowledge about children's development of children with Syndrome. In this context, using a bibliographic research methodology, the present monograph aims to discuss the contributions nurses can provide in the care of children with Asperger's Syndrome, and the actions that the nursing team can make available to the assistance not only for the syndrome but also for the family members.

Keywords: Asperger's Syndrome; Childhood autism; Nursing.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVSms	Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
QI	Quociente de Inteligência
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
TID	Transtornos cognitivos invasivos
TOC	Transtorno obsessivo compulsivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3 METODOLOGIA	14
REVISÃO DE LITERATURA	16
4.1 BREVE HISTÓRICO	16
4.2 SÍNDROME DE ASPERGER	18
4.2.1 Características clínicas da síndrome de Asperger	18
4.2.2 Diagnóstico	20
4.2.3 Comorbidades	22
4.2.4 Tratamento	23
4.3 O ENFERMEIRO NO ÂMBITO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR EM SAÚDE MENTAL	24
4.4 A ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO À CRIANÇAS COM SÍNDROME DE ASPERGER	25
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

O autismo e a Síndrome de Asperger (SA) são os transtornos cognitivos invasivos (TID) mais comumente diagnosticados na neuropediatria (KLIN 2006).

De acordo com a 5ª edição do Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5), a síndrome de Asperger é uma condição que é normalmente associada a um nível intelectual acima da média (American Psychiatric Association, 2015).

Por muito tempo houve equívocos no diagnóstico dessa síndrome, uma vez que trata de uma irregularidade cognitiva aplicada ao mais suave e de alta funcionalidade daquilo que se conhece como desequilíbrio de desenvolvimento do espectro autista. Até meados de 1944, a síndrome de Asperger era diagnosticada, entre outros, pelas mais variadas disfunções cognitivas como o próprio Autismo, perturbações obsessivo-compulsivo etc. (TEIXEIRA, 2017).

O espectro autista é diagnosticado em 1 a 5 crianças para cada 10.000, sendo a ocorrência maior em meninos (de 2 a 3 meninos para cada 1 menina) (ASSUMPÇÃO JÚNIOR; PIMENTEL, 2000). Enquanto que a síndrome de Asperger, de acordo com Teixeira (2017), acomete de 20 a 25 crianças para cada 10.000, sendo também a maior prevalência em meninos.

Na última década o número de pesquisas destinadas a melhor compreensão sobre a síndrome de Asperger aumentou (MECCA et al., 2011).

Estima-se que no Brasil são diagnosticadas em média 150 mil casos de síndrome de Asperger (HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN, 2017).

Nesse contexto, uma assistência de enfermagem adequada a clientes portadores da síndrome de Asperger mostra-se de fundamental importância pois irá promover uma melhor interação deste com o enfermeiro, além disso será possível desenvolver uma relação de confiança entre a equipe e o cliente diminuindo os sentimentos de rejeição por parte da criança (POLLO; POLUBRIAGINOF, 2007).

A equipe multidisciplinar voltada à saúde mental terá a enfermagem como aliada no contexto dos portadores de síndrome de Asperger, proporcionando uma assistência fundamental e orientando adequadamente a família, além de buscar estratégias que estimulem a criança com SA a desenvolver habilidades para o auto

cuidar-se e melhorar sua autonomia diante das suas limitações (MAGDALENA; LUDTKE, 2017).

Deste modo, é necessário conhecer a atuação da Equipe de Enfermagem dentro do contexto multidisciplinar frente ao atendimento às crianças com transtornos cognitivos em especial a síndrome de Asperger, além disso a presente pesquisa irá auxiliar no entendimento dos aspectos da síndrome, auxiliando na promoção da compreensão desses profissionais acerca do tema.

A relevância de se discutir estas questões reside principalmente na análise do momento atual buscando ter clareza sobre o papel do enfermeiro frente a transtornos do espectro autista e como este profissional poderá auxiliar não só os portadores da síndrome, mas familiares e todos aqueles que convivem com eles.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Descrever a atuação enfermeiro à criança com síndrome de Asperger dentro de uma equipe multidisciplinar

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Apresentar aspectos históricos da síndrome de Asperger;
- ✓ Caracterizar síndrome de Asperger;
- ✓ Apresentar desafios apresentados por portadores da síndrome;
- ✓ Conceituar equipe multidisciplinar enfatizando sua relevância para o atendimento de qualidade;

3 METODOLOGIA

O presente trabalho trata de uma pesquisa bibliográfica baseada em uma atividade proposta como uma oportunidade de interdisciplinaridade e integração dos conteúdos a partir de problemas colocados pela prática profissional.

De acordo com Oliveira (2006) as revisões bibliográficas promovem um estudo dirigido que são acompanhados de crítica e problematização, oportunizando uma aprendizagem de maior qualidade e gerando diferenciações conceituais mais sutis acerca do tema escolhido, na qual o objetivo está baseado em expor, discutir e demonstrar logicamente indagações e respostas a partir de um tema-problema.

Foram estipulados como critérios de inclusão publicações em língua portuguesa, completas e coerentes com a temática deste estudo. Prioritariamente o delineamento temporal das referências pesquisadas contemplaram os últimos oito anos.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo que ressalta a atuação das equipes multidisciplinares e da importância do enfermeiro inserido no contexto da problematização de portadores da síndrome de Asperger, que foi realizada através da leitura de artigos e periódicos publicados nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); Scientific Electronic Library Online (SciELO),

Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVSms) e documentos eletrônicos disponíveis em bases governamentais oficiais que estão de acordo com o tema abordado.

Foram estipulados como critérios de inclusão publicações em língua portuguesa, completas e coerentes com a temática deste estudo. Prioritariamente o delineamento temporal das referências pesquisadas contemplaram os últimos oito anos, e quanto a procedência: são 34 referências provenientes de artigos científicos correspondendo a 83% do total de referências utilizadas, 2 dissertações de mestrado (4,8%), 1 tese de doutorado (2,5%), 1 monografia (2,4%), 1 congresso (2,4%), 1 seminário científico (2,4%), e 1 site da rede mundial de internet (2,4%).

REVISÃO DE LITERATURA

4.1 BREVE HISTÓRICO

Inicialmente, o autismo era denominado Distúrbio Austístico do Contato Afetivo, esse termo foi definido por Leo Kanner em 1943, que observou uma série de sintomatologia que representavam perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, dificuldade com a comunicação, potencialidade cognitiva positiva, comportamentos estereotipados e incidência predominante em meninos (TAMANAHA; PERISSINOTO; CHIARI, 2008).

Em 1944, o médico Hans Asperger em seu artigo original, descreveu os primeiros traços característicos da síndrome de Asperger na qual denominou como doença autista, na época ele não definia critérios específicos ou quantificáveis, nem o fez posteriormente. Descrevia o autismo como sendo uma doença de sintomatologia mista, apontando os portadores de autismo como sendo pessoas com limitações em suas relações sociais, marcada incapacidade para a reciprocidade, nunca escutam aqueles que tentam ser agradáveis, extremamente egocêntricos. Daí a terminologia autista (WAHLBERG, 2005).

Em 1981 Lorna Wing passou a usar a terminologia síndrome de Asperger com regularidade, resgatou o trabalho de Asperger e o difundiu na comunidade científica internacional. Publicou um artigo que se baseava em um estudo com 34 pacientes de 5 a 35 anos com quadros similares aos descritos pelo médico Asperger. Em seu trabalho ele destacava considerações e suas propostas foram peça chave na compreensão do entendimento desse conceito. O conceito mais significativo foi a inclusão da denominação espectro autista que estabelecia uma relação entre o quadro descrito por Kanner (autismo infantil precoce) e a síndrome de Asperger, que seriam os quadros mais severos e mais leves respectivamente do espectro autista (WAHLBERG, 2005).

Wing propôs uma tríade de impedimentos sociais: déficits na interação social; na comunicação e na imaginação. Essa tríade se mostrava variável ao longo do tempo, tanto no grau de severidade quanto na sua forma.

Dessa forma, espectro autista tornou-se um conceito mais compreensível, na qual abrangia todas as manifestações que estavam diagnosticadas com autismo:

autismo clássico; síndrome de Asperger; perturbação desintegrativa da infância, autismo atípico e traços de autismo. Foi a partir do seu estudo que a comunidade científica passou a diferenciar os graus de autismo, propondo a síndrome de Asperger (VILA; DIOGO; SERQUEIRA, 2009).

Até os anos 80, a comunidade científica demonstrava resistência quanto ao uso desse diagnóstico, no entanto, alguns passaram a defender a síndrome de Asperger como sendo um ramo específico de estudo, asseverando que, com a correta diferenciação dos quadros clínicos, o suporte aos familiares e a terapia seriam muito mais eficazes e abrangentes. Na época pelo menos dois critérios foram ponto chave para a diferenciação diagnóstica: o período de desenvolvimento da fala e idade de identificação do diagnóstico (TAMANHA; PERISSINOTO; CHIARI, 2008).

Na verdade, ainda hoje, a comunidade científica não alcançou um consenso definitivo em relação a diferenciação do autismo e da síndrome de Asperger. Há quem defenda ser uma patologia desvincilhada mas que guarda algumas características comuns em relação ao autismo e há quem defenda que a síndrome de Asperger é apenas uma forma mais branda do transtorno autista (MARTÍN-BORREGUERO, 2005).

O Manual Estatístico de Transtorno Mental (DSM-5), trouxe pela primeira vez o termo “transtorno do espectro autista” que inclui o autismo, a síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação da edição anterior (DSM-4) (American Psychiatric Association, 2015).

Dessa forma, a síndrome de Asperger passou a compor o Transtorno do espectro autista, a qual considera-se as características clínicas dessa síndrome como parte de um conjunto de sintomas e prejuízos que variam em seu grau de severidade no que tange à comunicação e interação social e comportamentos restritos e repetitivos (GUIMARÃES, 2017).

No Brasil, em 1954, a iniciativa privada foi pioneira no atendimento ao autismo. Paulatinamente o governo foi avançando no tocante ao atendimento de pessoas autistas. Foram elaboradas normas e diretrizes como forma de possibilitar a inserção dessas pessoas na sociedade por meio da Lei de Diretrizes e Bases 4020/61. Na década de 80, surgiu a primeira sociedade de Pais e Amigos do autista, e partir daí vários outros movimentos foram surgindo, no entanto, esses movimentos não são voltados ao diagnóstico diferencial, mas sim ao espectro autista como um todo (SILVA; REIS; VASCONCELOS, 2013).

4.2 SÍNDROME DE ASPERGER

4.2.1 Características clínicas da síndrome de Asperger

As características mais marcantes estão associadas às alterações das interações sociais recíprocas, no desenvolvimento de padrões limitados e repetitivos de comportamento, comportamentos com características estereotipadas e fala ecológica (situação em que o paciente repete mecanicamente palavras ou frases que ouve ou que fala) (ORRÚ, 2010).

Tais características convergem para um quadro semelhante ao transtorno autista, no entanto, mantém a inteligência preservada, fazendo com que alguns pesquisadores incluam a síndrome de Asperger como uma espécie de autismo de alto desempenho (FONSECA; CAMPOS; LÓPEZ, 2007).

De acordo com a American Psychiatric Association (2015), poderíamos resumir as principais características no quadro a seguir:

Ecolalia	Repetição atrasada ou imediata de palavras ouvidas, uso de “tu” ao referir-se a si mesmo, uso estereotipado de palavras, frases ou padrões de prosódia
Déficit na interação social	Dificuldade em fazer contato visual, postural e gestos. Falha na comunicação não verbal, a criança possui a capacidade diminuída ou não

	possui capacidade de entender expressões faciais, gestos e etc.
Interesses restritos ou repetitivos	Interesses ou comportamentos estereotipados, ou restritos a um determinado assunto.
Atrasos de linguagem	Geralmente não são muito significativos, como por exemplo: palavras isoladas aos 2 anos, e frases mais elaboradas aos 3 anos
Atrasos cognitivos	Ausência de atrasos cognitivos clinicamente importantes, geralmente o quociente de inteligência é normal ou acima da média

Quadro 1: características clínicas da síndrome de Asperger

O desempenho executivo fica alterado em crianças com a síndrome. Esse desempenho demonstra a capacidade de organizar, efetuar ações e comportamentos, planejar e etc. Desse modo o desempenho executivo não é único, ele pode ser subdividido em aspectos tais como flexibilidade, aquisição de hábitos, habilidades e planejamento. Verifica-se, portanto, que em algum grau o desempenho executivo encontra-se prejudicado em crianças com a síndrome, sendo observado deficiências para expressar intenções e entender situações hipotéticas (RODRIGUES; JUNIOR, 2011).

Em relação aos aspectos neurocognitivos, de acordo com Artigas (2000), a teoria da mente é a teoria mais citada como transtorno cognitivo central no autismo e na síndrome de Asperger. Trata-se de uma construção teórica na qual as pessoas tem uma percepção sobre o pensamento e sensações dos seus semelhantes. Desse modo, verifica-se que as alterações da teoria da mente é menos grave na síndrome de Asperger quando se compara com o autismo.

Rodrigues e Junior (2011) resumem a teoria da mente como sendo a capacidade de atribuir estados mentais a outras pessoas e prever seu comportamento em função dessas atribuições, por exemplo: prever se uma pessoa está com raiva, ou feliz. Além disso, portadores da síndrome de Asperger, ainda que sem intenção de ofender, podem fazer comentários ou observações que podem parecer ofensivos, isso porque são incapazes de identificar o que é socialmente aceito.

Geralmente os portadores da síndrome de Asperger possuem um padrão de linguagem normal ou até mesmo muito bem elaboradas, além disso possuem um quociente de inteligência (QI) normal ou acima do padrão, no entanto, é comum sofrerem alguma dificuldade de usarem socialmente, já que possuem um déficit na capacidade de socialização e tem dificuldades até mesmo em um simples diálogo com aqueles que o cercam (VILA; DIOGO; SERQUEIRA, 2009).

Martín-Borreguero (2005) descreve as características básicas que foram observadas em seus estudos e as demonstra como as manifestações primárias e nucleares que estão associadas à síndrome. Além do déficit primário da capacidade do indivíduo para as interações sociais recíprocas já citadas anteriormente, ele ainda demonstra uma característica relacionada a uma rigidez mental, ausência de flexibilidade comportamental manifestadas externamente pelos indivíduos e interesses isolados e idiossincráticos.

Algumas propriedades de comunicação não-verbal comumente afetam crianças com síndrome de Asperger. A mímica facial é prejudicada, crianças portadoras da síndrome possuem dificuldade em se manifestar por meio de gestos, e ainda que consigam fazer contato visual elas não conseguem ou tem muita dificuldade em se comunicar apenas pelo olhar. Além disso, a maioria não consegue compreender expressões faciais do interlocutor (LOPES-HERRERA, 2004).

A capacidade motora da criança com síndrome de Asperger é levemente prejudicada dando a criança um aspecto desajeitado, também possuem algum grau de dificuldade em relação à organização dos objetos no espaço (RODRIGUES; JUNIOR, 2011).

Uma diferença interessante em relação aos portadores da síndrome de Asperger e dos autistas é que os primeiros possuem a consciência de suas diferenças, o que não ocorre com os autistas, dessa forma os portadores da síndrome sofrem mais e sentem-se frustrados por conseguir perceber a sua própria incapacidade de se relacionar (CARVALHO; SOUZA; CARVALHO, 2014).

4.2.2 Diagnóstico

A ampliação do diagnóstico autístico vem ocorrendo com mais intensidade nos últimos 40 anos, o que se fez foi introduzir uma ideia de um espectro autista e

relacionar esse espectro como sendo um único transtorno (Transtorno do Espectro Autista – TEA). Esse transtorno global envolve diagnósticos de: autismo, síndrome de Asperger e transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação (TGD/SOE) que estão descritos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (VELLOSO et al., 2011).

O diagnóstico de portadores da síndrome de Asperger é clínico: anamnese, histórico familiar, relatos das pessoas que convivem com a criança em especial os pais e professores. Essas crianças costumam a apresentar interesse obsessivo específico por alguma coisa, trazem deficiência nas interações sociais e possuem dificuldades de obedecerem a regras, também mostram-se ingênuos em alguns aspectos de senso comum (WEISHEIMER, 2017).

Somente se houver suspeita de outra condição clínica associada é que se solicita exames laboratoriais (ORRÚ, 2010).

Geralmente, a manifestação das alterações ocorre nos primeiros anos de vida e podem estar associadas a vários quadros como neurológicos ou sindrômicos, e pode variar de acordo com o grau e intensidade (LOPES-HERRERA, 2004).

De maneira geral, os portadores da síndrome de Asperger apresentam presença de uma linguagem pedante além da fala ecolálica. A fala geralmente é com pouca ou nenhuma entonação. As crianças com síndrome de Asperger possui dificuldades de entender metáforas, ironias, ou frases com duplo sentido, ou seja, tem a tendência de fazer interpretação literal (GUIMARÃES, 2017).

O perfil linguístico é um ponto fundamental no diagnóstico clínico da síndrome de Asperger, além disso, para que haja diagnóstico da síndrome de Asperger é necessário a exclusão absoluta de retardo mental e de autismo. O histórico clínico completo de sua evolução neuropsicológica também é um ponto importante, sendo imprescindível as informações dadas pelos familiares, professores ou por qualquer outra pessoa que conviva com o paciente e também informações dadas pelo próprio paciente (FERNÁNDEZ-JAÉN et al., 2007).

Outro aspecto importante na caracterização da síndrome de Asperger, é que crianças que possuem esse transtorno tendem a ter um interesse excessivo em determinado assunto, geralmente são assuntos aleatórios das quais elas se prendem e focam em determinadas atividades (WEISHEIMER, 2017).

Boa parte das crianças afetadas mostra um atraso leve no desenvolvimento da linguagem inicial, mas a maioria alcança um padrão de habilidades sintáticas e conhecimento gramatical normal até os 5 anos (MARTÍN-BORREGUERO, 2005)

Geralmente falam antes dos três anos de idade, e possuem capacidade de identificar sons isolados, conseguem diferir sons complexos, possuem também facilidade de leitura, muitas vezes atribuída a uma hiperlexia (habilidade de leitura emergente no período pré-escolar precoce) mas que não garante que a criança entenda o que esteja lendo, apresentam boa articulação das palavras e frases, no entanto, possuem deficiência no uso adequado da variação da entonação padrão e da regulação do volume de voz e velocidade da fala. A fala atípica em idade normal de aparecimento da linguagem, associada à hiperlexia leva aos pais acharem que seus filhos são superdotados, procurando dessa forma o diagnóstico de Q.I elevado quando na verdade em muitos casos trata-se da síndrome de Asperger. (LOPES-HERRERA, 2004).

É importante lembrar que o diagnóstico é feito por equipes multidisciplinares orientadas por manuais específicos já citado (manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais). É necessário buscar evidências que auxiliem o diagnóstico diferencial, isso implicará em um impacto significativo em relação às intervenções mais consistentes (FERNANDES; FICHMANN; BARROS, 2018).

4.2.3 Comorbidades

De acordo com Fonseca, Campos e López (2007) existem grandes chances de que uma comorbidade esteja presente quando um quadro clínico é condizente com a síndrome de Asperger, vários transtornos podem ser associados ao diagnóstico da síndrome, exemplos são o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), depressão e o transtorno obsessivo compulsivo (TOC).

Fernández-Jaén et al., (2007) também correlaciona a síndrome de Asperger com o aparecimento de comorbidades como TOC, TDAH, e depressão sugerindo a manifestação de risco elevado, e incluem também a possibilidade do aparecimento de tiques e transtorno por ansiedade generalizada.

Bianchini e Souza (2014), citam os prejuízos da comunicação e comorbidades relacionadas à linguagem, mostram a importância da interação

interdisciplinar com outras áreas profissionais de saúde e da educação, pois as comorbidades relacionadas aos transtornos do espectro autista das quais incluem a síndrome de Asperger é um desafio para a compreensão dos profissionais da área.

4.2.4 Tratamento

O tratamento para o transtorno de Asperger são programas intensos e abrangentes que envolve não só a criança, mas também a família e os profissionais. O ideal é que o tratamento se inicie o mais cedo possível (MARQUES et al., 2016).

Alguns trabalhos consideram a síndrome de Asperger como um transtorno mais evoluído do que o autismo infantil propenso a ser mais benéfico para os tratamentos usados para o autismo. Intervenções por profissionais da psicologia, fonoaudiologia junto à criança e à família são requeridas. Além disso é conveniente um trabalho de orientação e acompanhamento dos professores e profissionais que atendem crianças (FRAGA et al., 2004).

Basicamente busca-se uma intervenção clínica direcionada para a inserção social. A ecolalia deve ter intervenção de fonoaudiólogos de modo que este profissional promova o desenvolvimento da criança com o envolvimento da família e professores de modo que estas pessoas que estão em convívio com a criança possam utilizar os mesmos procedimentos dos profissionais. A redução dos episódios ecolálicos são imediatos, e se o paciente responder bem aos estímulos tenderá a um aumento da fala espontânea e não ecolálica (TAMANAH; PERISSONOTO; PEDROMÔNICO, 2004).

Por tratar-se de uma doença crônica portadora de muitas variáveis, crianças com síndrome de Asperger devem ser acompanhadas por equipes multidisciplinares e encaminhamentos para consultas especializadas nas áreas em que a criança tem mais dificuldades caso haja necessidade (VELLOSO et al., 2011).

Várias técnicas podem ser utilizadas: equiterapia para pacientes que apresentam alguma dificuldade motora, fonoaudiologia, psicologia, médicos e enfermeiros para acompanharem não só a evolução clínica da síndrome de Asperger mas também as comorbidades, educação especializada o mais cedo possível. Deste modo o amplo espectro de possibilidades para o tratamento requer uma avaliação detalhada do paciente: verificar o seu nível de desenvolvimento

funcional e padrões de dificuldades e limitações (CARVALHO; SOUZA; CARVALHO, 2014).

A direção do tratamento é de acordo com as necessidades e dificuldades da criança, algumas vezes são necessários tratamentos medicamentosos das quais o médico geralmente só prescreve quando há alguma comorbidade neurológica ou quando os sintomas interferem no dia-a-dia. No entanto, vale ressaltar que não há uma medicação específica para isso, a medicação poderá variar de acordo com o grau de severidade ou o tipo de comorbidade existente (MARQUES et al., 2016).

4.3 O ENFERMEIRO NO ÂMBITO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR EM SAÚDE MENTAL

O atendimento às pessoas com transtornos mentais no Brasil foi por muito tempo executada nos moldes de métodos e paradigmas que isolavam o paciente da sociedade internando os pacientes em manicômios dos quais o tratamento era feito com foco na assistência do médico centrado (BARROSO et al., 2018).

Em 2001, foi aprovada a Lei nº 10.216/2001 que ficou conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Foi um marco no que tange aos direitos das pessoas acometidas por transtornos mentais, a partir daí iniciou-se uma transformação na cultura e no perfil do atendimento psiquiátrico, desconstruindo a prática manicomial e inserindo equipes multidisciplinares capazes de promover a subjetividade e a autonomia dentro das limitações do indivíduo para que este pudesse exercer a sua cidadania (ABREU; FONTENELE; DIMENSTEIN, 2017).

Esse movimento da reforma psiquiátrica contemplava a reinserção dos pacientes ao ambiente social e familiar em contraste com o modelo antigo no qual isolava o paciente da sociedade. Nascia assim o conceito de inclusão social que transformou o conhecimento e as práticas em saúde mental, principalmente aquelas práticas que eram de responsabilidade das equipes de enfermagem. Foram implantados ao longo desses anos métodos e técnicas terapêuticas na complexidade requerida por cada paciente e o respeitando sempre em sua dignidade valorizando e promovendo o autocuidado (SILVA et al., 2017).

Atualmente vem crescendo a promoção no atendimento assistencial mais completo e humanizado, sempre reiterando a importância de equipes

multidisciplinares para que o paciente não seja tratado somente pela clínica mas sim promover o cuidado integral de forma que não se restrinja ao tratamento dos sinais e sintomas (BARROSO et al., 2018).

Desse modo, destaca-se a importância do enfermeiro. Isso porque no ambiente hospitalar geral e psiquiátrico é a equipe de enfermagem que passa o maior tempo em contato com os pacientes (ALVES; SANTOS; YAMAGUCHI, 2018).

Vale lembrar, que dentro da dinâmica complexa dos transtornos mentais, e especificamente os que envolvem os transtornos globais do desenvolvimento (autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação) houve uma tendência reducionista calcada nas atuações de médicos e psicólogos. No entanto, essa tendência vem sendo abandonada e a cada dia, fica mais evidente a importância de investigações de caráter multidisciplinar para que haja uma melhor descrição, compreensão e interpretação (D'ANTINO, 2008).

Dentro do contexto multidisciplinar, o trabalho do enfermeiro na assistência ao portador de transtorno mental exige maior sensibilidade para com o ambiente social e as necessidades do paciente e seus familiares. Seu trabalho diário é direcionado a promover um ambiente terapêutico que possibilite o desenvolvimento do paciente, que promova o autocuidado, que estabeleça um relação de confiança para que assim o paciente possa aderir melhor as assistências oferecidas (CASTRO, 2017).

Ressalta-se que o papel pertinente ao enfermeiro na assistência psiquiátrica passou a adotar uma dinâmica global, da qual se promove ambiente físico seguro, confiável e intensifica a relação de confiança entre profissional-paciente. Deste modo, o enfermeiro atua na assistência ao cliente em todo seu aspecto quais sejam: psicoterapia, ações comunitárias, planejamento da assistência etc. Tudo isso com intuito de recuperar a saúde do paciente ao mesmo tempo promovendo a reinserção do indivíduo na sociedade (SILVA et al., 2017).

4.4 A ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO À CRIANÇAS COM SÍNDROME DE ASPERGER

A síndrome de Asperger é comumente diagnosticada de forma tardia, isso ocorre principalmente por ser um desequilíbrio pouco comum além de ser de difícil diagnóstico dado ao pouco conhecimento por parte dos profissionais e das pessoas

que convivem com os portadores da síndrome. Mesmo que a criança não tenha atrasos cognitivos clinicamente relevantes é crucial o seu correto reconhecimento, pois só assim é possível prover ao paciente o devido tratamento, educação especializada tanto para o paciente quanto para as pessoas do seu convívio de modo a auxiliar o paciente em seus problemas de comportamento (VILA; DIOGO; SERQUEIRA, 2009).

Transpondo essa problemática para o campo da enfermagem, propõe-se para o enfermeiro um papel potencial no auxílio à socialização, apoio à família, aos cuidados e intervenções específicas para estas pessoas e seus familiares, além de poder proporcionar uma melhor qualidade de vida, como também planejar ações que estimulem os familiares a participarem ativamente desse processo de educação de crianças com síndrome de Asperger (SOARES, 2008).

Desse modo, o enfermeiro passa a ser grande contribuinte, dado seu potencial de aprender não só com a teoria, mas também com prática e dessa forma buscar instrumentos que auxiliem o enfermeiro no decorrer de sua formação continuada, além de possibilitar a transformação do ambiente de trabalho em um laboratório de contínuo aprendizado (ASSAD; VIANA, 2005).

O enfermeiro que em sua rotina seja capaz de identificar nas crianças características como carência, desinteresse em modismos populares, seletividade exagerada a um dado assunto específico, e dificuldade na percepção do perigo, poderá prover a esse paciente o correto auxílio no seu desenvolvimento, e conseqüentemente no seu tratamento (VIEIRA; SIMON, 2012).

Um bom planejamento assistencial aos portadores da síndrome de Asperger e aos seus familiares poderia ser uma boa saída na rotina de enfermagem para direcionar a correta percepção por parte dos enfermeiros nos atendimentos às crianças em geral, e isso incluiria a adoção de articulações em saúde mental e atenção básica, além disso seria imprescindível refletir acerca da intersetorialidade, interdisciplinaridade, promoção de cidadania e autonomia para usuários e familiares dentro das possibilidades, pois até os dias de hoje esse tema estende confusões acerca dos sintomas da SA. Trata-se de um desafio para os profissionais e familiares envolvidos na correta compreensão dos sintomas da síndrome, pois é ainda uma condição pouco conhecida de difícil diagnóstico devido à complexidade da patologia e o limiar tênue entre a síndrome de Asperger e outros transtornos

cognitivos não relacionado ao retardo mental. Atualmente, é considerada uma síndrome que apresenta diversos sintomas e que podem ter mais de uma origem (MORAES, 2003).

É necessário, porém, antes de tudo, o compartilhamento de ações e responsabilidades, de modo que se insira na equipe como um todo a ideia de que a responsabilidade sobre os pacientes é mútua, isso faria com que além de estimular a capacidade de resolução da equipe de saúde e da família, possibilitaria uma expansão da capacidade de atendimento e tratamento (SOARES, 2008).

Outro modo de auxiliar no reconhecimento precoce da síndrome de Asperger seria a implantação de interconsultas de enfermagem psiquiátrica. Sabe-se que o atendimento pela equipe de enfermagem no dia-a-dia é basicamente moldado por procedimentos técnicos direcionado para a preservação da vida, é natural que os profissionais da saúde tenham uma inclinação à saúde física, no entanto, tão importante como a saúde física está a saúde mental e dessa forma é essencial a abordagem de aspectos emocionais com o paciente (SCHERER; SCHERER; LABATE, 2002).

Um consultoria baseia-se na atuação do profissional que avalia e indica tratamentos para pacientes que estão sob cuidados de outros especialistas, não é um trabalho que se limita a uma prática médica, mas sim um trabalho amplo que varia de acordo com as situações. Um enfermeiro atuando em consultoria poderá fazer avaliações, recomendações, indicar atividades diversas, direcionada ao melhor tratamento, incluindo reuniões da equipe para a discussão do caso em acompanhamento, promoção da educação continuada da equipe como cursos, treinamentos, estudos de casos e etc. (THOMAS et al., 2007).

Independente de qual linha de ações a equipe adotar, é necessário que o enfermeiro esteja capacitado para conseguir identificar a possível existência de desvios no processo de desenvolvimento da criança. Dessa forma, esse profissional poderá reconhecer mais precocemente as perturbações envolvidas na síndrome e dessa forma auxiliar para o que o tratamento seja iniciado o mais breve possível (CARVALHO; SOUZA; CARVALHO, 2014).

No entanto, cabe ressaltar que é fundamental entender que não há um padrão de atendimento para crianças autistas ou com síndrome de Asperger, cada situação irá exigir do enfermeiro que o assiste uma resposta diferente, e por isso o

conhecimento profundo do enfermeiro sobre a síndrome de Asperger mostra-se necessário. Além disso para que o enfermeiro consiga prestar a adequada assistência, deve existir um preparo por parte destes profissionais para que possam conquistar a confiança das crianças com maior facilidade. Portanto, é necessário o incentivo e a capacitação em prol de uma assistência de enfermagem de qualidade à criança com síndrome de Asperger, promovendo dessa forma a melhoria da qualidade de vida não só da criança, mas também de seus familiares, professores e todos que os cercam (BARBOSA; NUNES, 2017).

A equipe de enfermagem deve investir em ações que promovam o bem estar da criança e melhore a sua qualidade de vida no ambiente social e familiar. Práticas como reuniões sobre os conhecimentos acerca do desenvolvimento infantil, possíveis complicações referente à comunicação e expressão da criança, auxílio à família em relação às possibilidades de adequação dos recursos pessoais, familiares e terapêuticos que estejam ao alcance (SILVA; REIS; VASCONCELOS, 2013).

Dessa forma, o que se vem observando é uma mudança nas práticas de enfermagem psiquiátrica ao longo do tempo. Essas mudanças refletem principalmente em um atendimento contextualizado dentro de um trabalho interdisciplinar dentro da equipe profissional em saúde mental. O campo de atenção psicossocial realizado em crianças com síndrome de Asperger vem passando por reflexões acerca da atuação do enfermeiro, e principalmente reforçando seu papel não pelas suas práticas técnicas, mas também pela ética e comprometimento com os cuidados subjetivos para com a criança. Diante do exposto, o enfermeiro assume uma tarefa de orientação e apoio ao familiares em relação aos cuidados com o paciente no retorno ao meio social, e com isso a equipe não se restringe ao atendimento ambulatorial ou de internação, mas passa atuar também na assistência diária e promoção dos cuidados com a criança (SILVA et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência do enfermeiro em relação às crianças com síndrome de Asperger demonstrou-se de grande importância não nos casos de crianças já diagnosticadas mas também em relação às crianças com suspeita de positividade para esse estado clínico. Isso porque o enfermeiro ocupa lugar preponderante na equipe assistencial, destacando sua capacidade técnica junto ao diagnóstico precoce, colaborando assim para o início do tratamento em tempo hábil. Deste modo, sendo o enfermeiro capacitado para observar algumas características clínicas, poderá encaminhar para as especialidades médicas pertinentes.

Além disso, o enfermeiro que tem o correto conhecimento dessa síndrome poderá promover ações educativas em auxílio daqueles que convivem com a criança, além do tratamento humanizado que poderá ser ofertado ao próprio paciente.

Diante deste contexto destaca-se a importância da atuação do profissional de enfermagem no sentido da informação e esclarecimento sobre as características clínicas de crianças com a síndrome de Asperger, isso porque a instrução dos familiares, professores e todos aqueles que convivem com o paciente irá promover uma atuação conjunta em prol do desenvolvimento e cuidados da criança.

Espera-se que este estudo contribua para subsidiar políticas públicas e que estimule a produção científica para o desenvolvimento de pesquisas nesta área.

REFERÊNCIAS

ABREU, Joao Paulo Macedo Mariana Marinho de; FONTENELE, Mayara Gomes; DIMENSTEIN, Magda. A regionalização da saúde mental e os novos desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira. **Saude soc**, v. 26, n.1, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902017165827>>. Acesso em: 06 outubro 2018.

ALVES, Sidnei Roberto; SANTOS, Reginaldo Passoni; YAMAGUCHI, Mirian Ueda. Enfermagem em serviços de saúde mental: percepção sobre satisfação profissional e condições de trabalho. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 8/1852, p. 1-7, 2018. Disponível em: 06 outubro 2018.

American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Vol. 5. Porto Alegre: Artmed, 2015.

ARTIGAS, J. Aspectos neurocognitivos del síndrome de Asperger. **Rev. Neuro. Clínica**, v. 1, p. 34-44, 2000. Disponível em: < <http://equipoteabadajoz.es/wp-content/uploads/2016/10/Aspectos-neurocognitivos-del-S.-Asperger.pdf>>. Acesso em: 09 março 2018.

ASSAD, Luciana Guimarães; LÍDIA de Oliveira Viana. Formas de aprender na dimensão prática. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58 n. 5, p. 586-591, 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2670/267019626016/>> . Acesso em: 06 outubro 2018.

ASSUMPÇÃO JÚNIOR, Francisco B; PIMENTEL, Ana Cristina M. Autismo Infantil. **Rev. Bras. Psiquiatr**, v. 22, n.2, 2000. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462000000600010&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 04 outubro 2018.

BARBOSA, Patrícia Aparecida da Silva; NUNES, Clara dos Reis. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. **Revista científica interdisciplinar**, n. 2, p. 100-115, 2017. Disponível em: <

<http://multiplosacessos.com/multaccess/index.php/multaccess/article/view/39>>.

Acesso em: 03 junho 2018.

BARROSO, Caroline Oliveira Nascimento; RODRIGUES, Ellen Mesquita; HANZELMANN, Renata da Silva; CARVALHO, Caroline Moraes Soares Motta de; MARTINS, Jaqueline Santos de Andrade; SANTOS, Livia Fajin de Mello dos. **Ciência Atual**, Rio de Janeiro, v. 11, n 1, 2018. Disponível em: <<http://www.cnad.edu.br/revista-ciencia-atual/index.php/cafsj/article/view/239/pdf>>.

Acesso em: 06 outubro 2018.

BIANCHINI, Natallie do Carmo Prado; SOUZA, Luiz Augusto de Paula. Autismo e comorbidades: achados atuais e futuras direções de pesquisa. **Distúrb Comum**, São Paulo, v. 26, n.3, p. 624-626, 2014. Disponível em: <https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:lfkGmew2NuEJ:scholar.google.com/+comorbidades+espectro+autista&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 06 outubro 2018.

CARVALHO, Márcio Pedrote de; SOUZA, Luciana Sant´Ana de; CARVALHO, Jair Antonio de. síndrome de Asperger: considerações sobre o espectro autista. **Revista Científica do ITPAC**, v. 7, n 2, 2014. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/08/sindrome-de-asperger-considera%C3%A7%C3%B5es-entro-do-espectro.pdf>>. Acesso em: 03 outubro 2018.

CASTRO, Tatiane Marques de. **Atuação do enfermeiro na saúde mental em estratégia de saúde da família: ação educativa para qualificar a atenção**. 2017. 70f. Dissertação (mestrado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6292>>. Acesso em: 10 outubro 2018.

D`ANTINO, Maria Eloisa Famá. Interdisciplinaridade e transtornos globais do desenvolvimento: uma perspectiva de análise. **Caderno de Pós-Graduação de**

Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.8, p. 55-69, 2008. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11150/6901>>. Acesso em: 03 outubro 2018.

FERNANDES, Conceição Santos; FICHMANN, Helenice Charchat; BARROS, Patricia de Souza. Evidências de diagnóstico diferencial entre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do desenvolvimento intelectual (TDI): análise de casos. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana**, v. 10, n.2, p.29-41, 2018. Disponível em: <http://neuropsicolatina.org/index.php/Neuropsicologia_Latinoamericana/article/view/408/239>. Acesso em: 15 outubro 2018.

FERNÁNDEZ-JAÉN, A.; FERNÁNDEZ-MAYORALAS, D. Martín; CALLEJA-PÉREZ, B.; MUÑOZ JAREÑO, N. síndrome de Asperger: diagnóstico y tratamiento. **Revista Neurol**, v. 44, n.2, p. 53-55, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Alberto_Fernandez_Jaen/publication/6458892_Asparger_syndrome_Diagnosis_and_treatment/links/5570304008aeab7772289f49/Asparger-syndrome-Diagnosis-and-treatment.pdf>. Acesso em: 26 setembro 2018.

FONSECA, José Maria Aranha; CAMPOS, Ana Luiza Moraes; ARRÁS LÓPEZ, José Ramón Rodríguez. síndrome de Asperger e TOC - comorbidade ou unidade?. **J Bras Psiquiatr**, v. 56, n. 4, p. 287-289, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Jose_Rodriguez_Arras_Lopez/publication/262635377_Asparger_syndrome_and_OCD_-_Comorbidity_or_unity/links/565d79b808ae619b25cf49/Asparger-syndrome-and-OCD-Comorbidity-or-unity.pdf>. Acesso em: 11 outubro 2018.

FRAGA, Liliane Leite OLIVEIRA, Marlene Rodrigues de; BUCHARA, Marli dos Santos ; STRALIOTTO, Neusa Carmelina ; ROSÁRIO, Senir Pereira do; REZENDE, Tânia Mara. Atuação do psicólogo frente aos transtornos globais do desenvolvimento infantil. **Psicologia, ciência e profissão**, v. 24, n. 2, p. 24-31, 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n2/v24n2a04.pdf>>. Acesso em: 22 setembro 2018.

GUIMARÃES, Carolina Borba Vilar. **Insight e transtorno de Asperger**. 2017. 277f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: < https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23987/1/CarolinaBorbaVilarGuimaraes_DISSERT.pdf>. Acesso em: 05 outubro 2018.

HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN. **síndrome de Asperger**. Disponível em: < https://www.gstatic.com/healthricherkp/pdf/asperger_syndrome_pt_BR.pdf>. Acesso em: 14 novembro 2018.

KLIN, Amy. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista brasileira de psiquiatria**, v. 28, p.3-11, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbp/v28s1/a02v28s1.pdf>>. Acesso em: 18 setembro 2018.

LOPES-HERRERA, Simone Aparecida. **Avaliação de estratégias para desenvolver habilidades comunicativas verbais em indivíduos com autismo de alto funcionamento e síndrome de Asperger**. 2004, 181f. Tese Doutorado (Doutora em educação especial). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2004. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2908/TeseSALH.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 setembro 2018.

MAGDALENA, Maitê Souza; LUDTKE, Paola Scotta; PAZ, Ingre. In: 4º SEMINÁRIO CIENTÍFICO DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DA SAÚDE, ISBN. 2447 – 8075, 2017. **Assistência de Enfermagem à criança com transtorno do espectro Autista**. Disponível em: < <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/scps/article/view/17895/4745>>. Acesso em: 04 outubro 2018.

MARQUES, Anne Carolinne; FERREIRA, Gabriela Soares; RIBEIRO, Larissa Norvila; LABOISSIERE, Marcelo; KEPINSKI, Emilia Carvalho; BUENO, Fernanda

Chagas; MENDES, Fagner Cordeiro Vilar. Atuação da fisioterapia no distúrbio do Espectro autista, síndrome de Rett e síndrome de Asperger: revisão de literatura. **Revista UNIGÁ**, v.27, n.1, p. 35-39, 2016. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1811/1417>>. Acesso em: 05 outubro 2018.

MARTÍN-BORREGUERO, P. Perfil lingüístico del individuo con síndrome de Asperger: implicaciones para la investigación y la práctica clínica. **Rev Neurol**, v. 1, n. 41, p. 115-122, 2005. Disponível em: <http://sid.usal.es/idocs/F8/ART13967/perfil_linguistico_de_asperger.pdf>. Disponível em: 29 outubro 2018.

MECCA, Tatiana Pontrelli; BRAVO, Riviane Borghesi; VELLOSO, Renata de Lima; SCHWARTZMAN, José Salomão; BRUNONI, Decio; TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz. Rastreamento de sinais e sintomas de transtornos do espectro do autismo em irmãos. **Rev Psiquiatr Rio Gd Sul**, v. 33, n. 2, p. 116-120, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v33n2/v33n2a09>>. Acesso em: 14 novembro 2018.

MORAES, Jair Muniz de. síndrome de Asperger. **Revista Sinpro**, p.55-61, 2003: 55-61. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/07/DIFICULDADES-DE-APRENDIZAGEM.pdf#page=55>>. Acesso em: 22 setembro 2018.

OLIVEIRA, Gloria Aparecida Pereira de. As atividades acadêmicas e a formação para pesquisa: o trabalho de conclusão de curso. **Revista técnico-científica das faculdades Atibaia**, v. 1, n.4, p. 123-142, 2006. Disponível em: <<http://momentum.emnuvens.com.br/momentum/article/view/109/99>>. Acesso em: 14 novembro 2018.

ORRÚ, Sílvia Ester. síndrome de Asperger: aspectos científicos e educacionais. **Revista Iberoamericana de Educação**, v.53, n.7, p. 1-14, 2010. Disponível em: <<https://rieoei.org/RIE/article/view/1698>>. Acesso em: 29 julho 2018.

POLLO, Michelle da Silva; POLUBRIAGINOF, Cláudia. In: 10º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2007, São Paulo, 264-266. **Uma proposta de assistência de enfermagem à criança portadora da síndrome de Asperger**. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Abel_Silva_De_Meneses2/publication/250052781_Proposta_de_um_modelo_de_delimitacao_geometrica_para_a_injecao_ventro-glutea/links/54b5272a0cf28ebe92e4c798/Proposta-de-um-modelo-de-delimitacao-geometrica-para-a-injecao-ventro-glutea.pdf#page=265> . Acesso em: 04 outubro 2018.

RODRIGUES, Ida Janete; ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco Baptista. Habilidades viso-perceptuais e motoras na síndrome de Asperger. **Temas em Psicologia**, v. 19, n.2, p. 361-377, 2011. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/5137/513751438002/>>. 18 setembro 2018.

SCHERER, Zeyne Alves Pires; SCHERER, Edson Arthur; LABATE, Renata Curi. Interconsulta em enfermagem psiquiátrica: qual a compreensão do enfermeiro sobre esta atividade?. **Rev Latino-am de Enfermagem**, v. 10, n.1, p. 7-14, 2002. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/1623/1668>>. Acesso em: 29 julho 2018.

SILVA, Angela Maria da; REIS, Edja Marcia Barbosa da Silva; VASCONCELOS, Silvana Pedrosa de. **As ações de enfermagem implantadas na estratégia saúde da família a criança portadora de autismo**. 2013. 21f. Monografia (Bacharelado em Enfermagem). Faculdade Integrada de Pernambuco. Recife. Disponível em: < <http://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/2092/CAPA%20E%20CONTRA%20CAPA%20TCC%20edja%20completa.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 06 outubro 2018.

SILVA, Mayara Santos; MACHADO, Paula Alexandra Tavares; NASCIMENTO, Rosilene da Silva; OLIVEIRA, Thais Silva; SILVA, Tiago Franco; BATISTA, Eraldo Carlos. A enfermagem no campo da saúde mental: uma breve discussão teórica. **Revista Amazônia Science & Health**, v. 5, n. 2, p. 40-46, 2017. Disponível em: <

https://www.researchgate.net/profile/Eraldo_Batista/publication/321025033_A_enfermagem_no_campo_da_saude_mental_uma_breve_discussao_teorica/links/5a090500aca272ed279ff908/A-enfermagem-no-campo-da-saude-mental-uma-breve-discussao-teorica.pdf>. Acesso em: 06 outubro 2018.

SOARES, Marcos Hirata. A inserção do enfermeiro psiquiátrico na equipe de apoio matricial em saúde mental. **Revista eletrônica de saúde mental álcool e drogas**, v. 4, n. 2, p. 1-12, 2008. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/smad/article/view/38676/41523>>. Acesso em: 25 julho 2018.

TAMANAHAN, Ana Carina, PERISSONOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Rev Soc Bras Fonoaudiol**, v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3>>. Acesso em: 15 setembro 2018.

TAMANAHAN, Ana Carina; PERISSONOTO, Jacy; PEDROMÔNICO, Márcia R M. Considerações sobre o uso da ecolalia por crianças diagnosticadas com síndrome de Asperger: uma abordagem fonoaudiológica. **Rev Bras Psiquiatr**, v. 26, n. 4, p. 277-279, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbp/v26n4/a14v26n4b.pdf>>. Acesso em: 18 outubro 2018.

TEIXEIRA, Paulo. síndrome de Asperger. 2017. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/>>. Acesso em 20 de Junho de 2018.

THOMAS, Jucileia; SANTOS, Luciane Beatriz Marks ; WETZEL, Christine; BARBISAN, Regina Beatriz Kirsten. Implantação da consultoria de enfermagem psiquiátrica em um hospital geral. **Rev HCPA**, v. 27, n 2, p. 31-34, 2007. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28905>>. Acesso em: 22 julho 2018.

VELLOSO, Renata de Lima; VINIC, Alessandra aronovich; DUARTE, Cintia Perez; DANTINO, Maria Eloisa Famá; BRUNONI, Decio; SCHWARTZAMAN, José

Salomão. Protocolo de avaliação diagnóstica multidisciplinar da equipe de transtornos globais do desenvolvimento vinculado à pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento da universidade presbiteriana Mackenzie.

Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.11, n.1, p. 9-22, 2011. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11166/6932>>. Acesso em: 09 setembro 2018.

VIEIRA, Nara Joyce Wellausen; SIMON, Karolina Waechter. Diferenças e semelhanças na dupla necessidade educacional especial: altas habilidades/superdotação x síndrome de Asperger. **Rev. Educ. Espec**, v. 43, n. 25, p. 319-322, 2012. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 18 outubro 2018.

VILA, Carlos; DIOGO, Sandra; SERQUEIRA, Sara. Autismo e síndrome de Asperger. **O portal dos psicólogos**, p. 1-20, 2009. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/08/psicologia-kaner-e-asperger.pdf>>. Acesso em: 24 julho 2018.

WAHLBERG, Ernesto. síndrome de Asperger, criterios diagnósticos e cuadro clínico. **Vertex Rev. Arg. Psiquiat.**, v. 16, p. 279-283, 2005. Disponível em: <<http://polemos.com.ar/docs/vertex/vertex62.pdf#page=41>>. Acesso: 10 julho 2018.

WEISHEIMER, Irací Casemiro. Criança com a síndrome de asperger: esteriótipos, preconceitos e discriminação no âmbito escolar. **Revista Thêma et Scientia**, v. 7, n 2, jul/dez 2017. Disponível em: <<http://www.themaetscientia.com/index.php/RTES/article/view/762/778>>. Acesso em: 05 outubro 2018.

Resultado da análise

Arquivo: TCC JESSICA RAMOS PARA PLAGIO.docx

P. O. J. R.
EDSON RODRIGUES CAVALCANTE
Bibliotecário da Biblioteca Julie Bordignon
FAEMA - CRB 11/677

Estatísticas

Suspeitas na Internet: 3,62%

Percentual do texto com expressões localizadas na internet ▲

Suspeitas confirmadas: 4,23%

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados ▲

Texto analisado: 92,97%

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: 100%

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Endereços mais relevantes encontrados:

Endereço (URL)	Ocorrências	Semelhança
http://momentum.emnuvens.com.br/momentum/article/download/109/99	8	7,41 %
http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2016/T06/01.pdf	7	9,99 %
https://novaescola.org.br/conteudo/279/o-que-e-a-sindrome-de-asperger	6	3,74 %
https://www.ativosaude.com/saude-mental/sindrome-de-asperger-autismo	5	6,36 %
https://psicoativo.com/2018/03/tipos-de-autismo-sintomas-como-identificar-criterios-diagnosticos-dsm.html	5	8,15 %
https://www.univeritas.com/noticias/autismo-e-asperger-conheca-os-dois-transtornos-e-saiba-diferenca-entre-eles	4	4,68 %

Texto analisado:

INTRODUÇÃO

O autismo e a Síndrome de Asperger (SA) são os transtornos cognitivos invasivos (TID) mais comumente diagnosticados na neuropediatria CITATION AMY06 \l 1046 (KLIN 2006).

<https://novaescola.org.br/conteudo/279/o-que-e-a-sindrome-de-asperger>
<http://entendendoautismo.com.br/artigo/asperger-e-autismo-qual-diferenca>
<https://www.univeritas.com/noticias/autismo-e-asperger-conheca-os-dois-transtornos-e-saiba-diferenca-entre-eles>

De acordo com a 5ª edição do Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5), a Síndrome de Asperger é uma condição que é normalmente associada a uma nível intelectual acima da média. (American Psychiatric Association, 2015).

<https://www.aboutme.com.br/pensadores/leitura/psicopatas-corporativos-sera-que-tem-um-perto-de-voce>
<http://hempadao.com/superando-o-trauma-psicoterapia-com-mdma>
<https://www.ativosaude.com/saude-mental/sindrome-de-asperger-autismo>
<http://www.ativosaude.com/saude-mental/sindrome-de-asperger-autismo>